

## Artigo

### **Horizontes em transformação: desafios sociais, educacionais e políticos do presente**

*Sandro Adams\**  
*Roberta do Prá Alano\*\**  
*Newton Soares Mota\*\*\**

#### **Resumo**

O crescimento da complexidade social tem redimensionado modos de vida, formas de sociabilidade e possibilidades de ação coletiva. A aceleração tecnológica, o avanço de políticas neoliberais ou nacionalistas e o recrudescimento de discursos autoritários configuram um cenário em que o social se torna também espaço de reinvenção. Investigar as fronteiras entre público e privado, humano e técnico, Estado e mercado, emancipação e controle, implica enfrentar tensões constitutivas do presente. Sob o tema *Horizontes em transformação: desafios sociais, educacionais e políticos do presente*, os trabalhos desta edição exploram diferentes campos sociais e suas tensões estruturais. As análises revelam novas formas de alienação e precarização, discutem os efeitos da expansão tecnológica na formação docente e na organização da vida urbana, e examinam a influência de disputas político-religiosas na elaboração de políticas públicas. Também abordam conflitos territoriais e os desafios impostos pelas mudanças climáticas, além de reflexões sobre relações de poder, teorias da paz e dinâmicas econômicas regionais. *Perspectivas Sociais* reafirma seu compromisso editorial de compreender criticamente as forças que moldam e fragmentam o mundo social.

**Palavras-chave:** Perspectivas Sociais. Teoria Social. Política. Educação. Conflito.

#### ***Horizons in transformation: social, educational and political challenges of the present***

#### **Abstract**

The growth of social complexity has reshaped lifestyles, forms of sociability, and possibilities for collective action. Technological acceleration, the advance of neoliberal or nationalist policies, and the resurgence of authoritarian discourses configure a scenario in which the social also becomes a space for reinvention. Investigating the boundaries between public and private, human and technical, state and market, emancipation and control, implies confronting the constitutive tensions of the present. Under the theme *Transforming Horizons: Social, Educational, and Political Challenges of the Present*, the works in this edition explore different social fields and their structural tensions. The analyses reveal new forms of alienation and precarization, discuss the effects of technological expansion on teacher training and the organization of urban life, and examine the influence of political-religious disputes on the development of public policies. They also address territorial conflicts and the challenges posed by climate change, as well as reflections on power relations, theories of peace, and regional economic dynamics. *Perspectivas Sociais* reaffirms its editorial commitment to critically understanding the forces that shape and fragment the social world.

**Keywords:** Social Perspectives. Social Theory. Politics. Education. Conflict.

\* *Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: [sandroadams@gmail.com](mailto:sandroadams@gmail.com)*

\*\* *Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: [roberta.alano@ufpel.edu.br](mailto:roberta.alano@ufpel.edu.br)*

\*\*\* *Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: [newtonsoares77@gmail.com](mailto:newtonsoares77@gmail.com)*

O aumento da complexidade social redimensiona os modos de vida, as formas de sociabilidade e as possibilidades de ação coletiva. Em meio a crises sanitárias, ambientais, econômicas e institucionais, surgem novas dinâmicas de poder que reposicionam os marcos interpretativos das ciências sociais. A aceleração das mudanças tecnológicas e comunicacionais, o avanço de políticas neoliberais ou nacionalistas, e o recrudescimento de discursos autoritários expõe um cenário em que o social aparece como espaço de reinvenção. Investigar o mundo social, observando as fronteiras entre o público e o privado, o humano e o técnico, o Estado e o mercado, a emancipação e o controle, é se debruçar sobre tensões constitutivas do tempo presente.

Sob o tema *Horizontes em transformação: desafios sociais, educacionais e políticos do presente*, os trabalhos aqui apresentados partem de contextos diversos para analisar como diferentes campos sociais enfrentam tensões estruturais que redefinem expectativas, limites e possibilidades de ação. São pesquisas que revelam formas renovadas de alienação e precarização; a expansão tecnológica e as implicações tanto para a formação docente quanto para a organização da vida urbana; a influência de disputas político-religiosas na formulação de políticas públicas; os conflitos territoriais e desafios relacionados às mudanças climáticas. Ademais, análises dedicadas às relações de poder, à produção teórica sobre paz e às configurações econômicas regionais ampliam o quadro interpretativo da edição.

A presente edição da *Perspectivas Sociais*, revista discente vinculada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGS/UFPel), reúne uma diversidade de enfoques que expressa um compromisso editorial: o de compreender criticamente as forças que movem e fragmentam o mundo social, reconhecendo nas contradições do presente não apenas sinais de crise, mas também possibilidades de reinvenção e transformação.

\*\*\*

A primeira pandemia no século XXI reorganizou o sistema econômico, político, social e institucional. É por isso que abrimos esta edição com o artigo *A saúde mental de mulheres durante a sindemia da Covid-19*, em que Camila Aparecida da Silva Albach, Evelin Emanuele Cordeiro e Gabrielle Rocha dos Santos analisam como a sindemia aprofundou vulnerabilidades já estruturadas pelas relações de gênero. O estudo utiliza uma investigação qualitativa baseada em fontes bibliográficas e documentais para examinar de que forma a crise sanitária se converteu em crise social, com impactos diretos sobre o bem-estar psicológico das mulheres. As autoras delineiam um quadro em que a saúde mental feminina se fragiliza em meio à combinação entre sobrecarga doméstica, exigências profissionais e intensificação da violência. Assim, o agravamento do sofrimento psíquico não resulta apenas das condições excepcionais impostas pela pandemia, mas da interação entre essas condições e as estruturas de desigualdade que antecedem a crise. Reconhecer a especificidade dessa experiência permite elaborar políticas públicas de saúde mental orientadas por uma perspectiva interseccional, capazes de considerar as diferenças de classe, raça e gênero que moldam tanto o acesso à proteção social quanto a exposição a riscos. Enfrentar os efeitos da sindemia requer superar leituras universalizantes da pandemia e incorporar, no desenho de políticas, a complexidade das condições que incidem sobre a vida das mulheres.

As transformações recentes nas formas de organização do trabalho têm ampliado debates sobre tempo, cuidado e desigualdades de gênero, sobretudo em atividades intensivas em interação e gestão emocional. Nesse cenário, *Trabalho extenuante: a prática do atendimento remoto por psicólogas e as implicações nas relações de gênero e tempo*, de Maria Elisa Gonçalves Muniz, examina como a adoção do atendimento online redefine a rotina profissional e a experiência subjetiva de psicólogas. A autora mobiliza depoimentos de dez profissionais para analisar como a promessa de flexibilidade convive com novas pressões, que afetam a distribuição do tempo social e a percepção de autonomia. O texto demonstra que o formato remoto, embora reconhecido como eficaz, tende a impor custos mentais elevados e reforçar expectativas de disponibilidade contínua. As narrativas revelam tensões entre cuidado, produtividade e limites pessoais, indicando que a digitalização do atendimento não neutraliza as desigualdades existentes no mercado de trabalho da psicologia. Muniz (2025) argumenta que essas dinâmicas evidenciam um processo de reconfiguração que desafia as condições de trabalho, a saúde das profissionais e a própria formação na área, ao situar o atendimento remoto como elemento central na atualização das relações entre trabalho, gênero e tempo.

Seguindo essa dinâmica entre a estrutura existente e novas formas de organização do trabalho emergentes desde a pandemia, o artigo *Troca de trabalho doméstico não remunerado? Uma análise de uniões inter-raciais no Brasil*, de Maria Carolina Tomás e Leonardo Souza Silveira, investiga como o trabalho doméstico não remunerado se torna um ativo silencioso dentro das uniões heterossexuais, estruturado por negociações sutis e hierarquias historicamente sedimentadas. Com base nos microdados da PNAD de 2015 e em modelos de regressão linear, os autores analisam homens e mulheres brancos, pardos e pretos entre 20 e 34 anos, mostrando que a composição racial do casal e os níveis de escolaridade conformam padrões distintos de dedicação às tarefas domésticas. Os resultados revelam que parceiros de tonalidade de pele mais escura tendem a assumir maior carga de trabalho,

padrão especialmente marcante entre mulheres pretas e pardas em relações com homens brancos, e entre mulheres pretas com parceiros pardos. Entre os homens, porém, a raça da parceira não altera substancialmente sua participação. O estudo evidencia que a divisão do trabalho doméstico no Brasil é atravessada por um entrelaçamento complexo de gênero, raça e escolaridade, que reorganiza rotinas e expectativas no interior dos lares. Ao iluminar essas dinâmicas, Tomás e Silveira (2025) demonstram que o cotidiano doméstico continua a ser um espaço privilegiado de reprodução das desigualdades sociais, onde marcadores raciais operam como dispositivos que modulam quem cuida, quem limpa e quem sustenta a ordem material da vida

Ao situar a experiência brasileira da pandemia no centro das discussões sobre democracia, soberania e produção social da indiferença, Gabriela de Abreu Oliveira, no texto *“As políticas neoliberais brasileiras na condução da pandemia: uma necropedagogia”*, examina a gestão da COVID-19 no governo Bolsonaro entre 2019 e 2022. Para isso, analisa documentos oficiais e evidencia como a desinformação estatal, a negligência na condução da saúde pública e o incentivo à divisão social compuseram um arranjo político sustentado pela necropolítica. O Sistema Único de Saúde (SUS) enfrentou ataques constantes, enquanto mais de 700 mil mortes expressaram os efeitos de uma racionalidade que tratou parcelas inteiras da população como vidas descartáveis. Oliveira (2025) identifica nesse conjunto de práticas a formação de uma necropedagogia, isto é, um mecanismo que naturaliza a violência contra grupos vulneráveis e produz consentimento social diante do avanço de políticas de morte. O artigo indica que cerca de 30% da população foi diretamente afetada por esse processo. O resultado sugere que a pandemia funcionou como laboratório de uma engenharia sociopolítica voltada à desmobilização de resistências e à legitimação de um projeto autoritário. É por isso que as profundas transformações no contrato social brasileiro apontam para a necessidade de compreender a pandemia como disputa política em curso.

O quinto artigo da edição volta-se ao cruzamento entre cultura audiovisual e crítica social ao trabalho. Em *Distopia do trabalho. Ruptura como representação da alienação e da flexibilização no capitalismo neoliberal*, David dos Santos Lima e Isadora Maria Carvalho de Araujo analisam a série *Severance* como alegoria das novas formas de organização laboral. A narrativa distópica, centrada na cisão radical entre vida pessoal e vida corporativa, serve como ponto de partida para discutir processos de alienação e flexibilização que hoje estruturam o cotidiano profissional. Os autores recuperam contribuições de Karl Marx e Max Weber para iluminar as tensões presentes na série e situam essas reflexões à luz das formulações de Luc Boltanski e Ève Chiapello sobre as metamorfoses do capitalismo contemporâneo. O artigo propõe que *Ruptura* funciona como lente para compreender a expansão de regimes laborais marcados pela precarização, pela gestão emocional e por novas modalidades de controle. Ao tratar o audiovisual como expressão crítica de seu tempo, o texto evidencia como a ficção articula questões centrais da sociologia do trabalho e revela dinâmicas que ultrapassam o universo da narrativa. Assim, reforçam a importância de pensar produtos culturais como espaços de interpretação das transformações estruturais do capitalismo contemporâneo.

Nesse diálogo entre crítica cultural e crítica da economia política, a edição avança das representações audiovisuais da alienação laboral para reflexões que interrogam os próprios fundamentos do trabalho no capitalismo contemporâneo com o artigo *A produção social do ócio disruptivo/criativo: uma introdução marxista às teses de John Holloway*, de José Manuel de Sacadura Rocha, que retoma categorias fundamentais da crítica marxiana para discutir a diminuição do emprego formal diante da crescente composição orgânica do capital e suas implicações para a produção social da vida. O autor parte da noção de “tempo de trabalho social disponível”, formulada por Karl Marx, para problematizar como a redução do trabalho economicamente necessário pode gerar condições objetivas para práticas criativas, potencialmente voltadas à subversão das racionalidades capitalistas. Para

isso, mobiliza dados recentes da Organização Internacional do Trabalho para evidenciar o avanço global do desemprego, da informalidade e da subutilização da força de trabalho e interpreta esses indicadores não apenas como sintomas da crise laboral contemporânea, mas como oportunidades de reorientação da ação humana. Nesse sentido, Rocha (2025) aproxima as reflexões marxianas das proposições de Holloway sobre o “poder-fazer”, sugerindo que o ócio disruptivo/criativo pode constituir brechas cotidianas capazes de fissurar as lógicas de alienação que estruturam o capitalismo. Ao defender a negação do trabalho abstrato e a centralidade de formas de criação autônoma, o texto aponta para possibilidades de desalienação e de humanização crítica, especialmente relevantes para pensar os futuros trabalhadores e os novos modos de produzir existência no século XXI.

Das brechas possíveis de reinvenção das formas de viver e produzir no capitalismo para uma análise como a lógica neoliberal redefine rumos e desafios educacionais, Camila da Silva Rocha apresenta *O ensino superior na mira do mercado: notas sobre os novos (velhos) desafios da educação pública brasileira* e examina como o avanço de políticas neoliberais e medidas de austeridade alterou de forma substantiva a estrutura e o funcionamento das universidades públicas. O debate sobre o futuro da Educação Superior no Brasil é marcado por disputas que atravessam financiamento público, expansão privada e redefinição do papel do Estado. Para isso, parte de um estudo bibliográfico e documental, articulado à análise do orçamento da Educação Superior entre 2016 e 2022, e demonstra que o desfinanciamento sistemático tem produzido entraves cotidianos ao funcionamento das instituições públicas. O texto evidencia que esse processo ocorre paralelamente ao crescimento expressivo dos lucros das instituições privadas, cujas estratégias de expansão se consolidaram em meio ao esvaziamento da política pública. Ao discutir esse contraste, a autora aponta que a disputa em torno do ensino superior envolve projetos distintos de sociedade e revela a centralidade das universidades no campo político nacional. O artigo sustenta que a defesa de um sistema público, laico e de qualidade, exige articulação

coletiva e mobilização da classe trabalhadora, sobretudo diante da intensificação de ataques às instituições que compõem a rede estatal de ensino superior.

As disputas que percorrem a educação brasileira não se restringem ao financiamento e à estrutura das universidades, mas também envolve a atuação de atores e valores que moldam sentidos públicos. Em *Repercussões do fenômeno religioso nas políticas educacionais. Diálogos iniciais*, Douglas Franco Bortone, Juliana de Paula Iennaco e Maria das Dores Saraiva de Loreto examinam a centralidade do fenômeno religioso nas disputas que atravessam a agenda educacional no período pós-impeachment de Dilma Rousseff. Partem da constatação de que o campo religioso no Brasil rural combina práticas, valores e simbolismos que orientam modos de vida e visões de mundo, articulando experiências individuais e processos normativos mais amplos. Ao analisar esse entrelaçamento, compreende-se como discursos e atores religiosos passaram a influenciar o desenho e a reformulação de políticas educacionais em um cenário marcado pelo avanço do neoconservadorismo e pelo desmonte de políticas sociais. Com base em pesquisa qualitativa e análise de documentos oficiais e produções acadêmicas, o estudo mostra que a religião não figura como elemento periférico, mas como força estruturante nas definições de pauta e nas disputas por projetos de sociedade no campo educacional. A partir dessa perspectiva, os autores defendem a necessidade de incorporar a variável religiosa de modo sistemático em futuras investigações, reconhecendo a pluralidade das experiências de fé e suas implicações contra-hegemônicas. O artigo evidencia que compreender a educação brasileira contemporânea exige, necessariamente, situá-la no cruzamento entre religião, política e disputas por sentidos coletivos.

O escopo do debate educacional evidencia como diferentes sistemas enfrentam tensões semelhantes diante das transformações contemporâneas. O artigo *Incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação como recursos didáticos durante a formação de professores em Angola*, de Egídio



Martina Manuel, discute a inclusão das tecnologias nos processos formativos do magistério angolano. A pesquisa adota abordagem qualitativa e caráter exploratório, com análise de documentos oficiais e estudos nacionais e internacionais. O sistema educativo de Angola reconhece a relevância da tecnologia para ampliar os horizontes de aprendizagem e fortalecer práticas pedagógicas. No entanto, muitas escolas responsáveis pela formação docente ainda carecem de infraestrutura adequada e de recursos tecnológicos básicos, o que limita a implementação efetiva das políticas concebidas para esse fim. O artigo demonstra que há iniciativas em curso que visam transformar esse cenário, com esforços institucionais e projeções de investimentos voltados à integração das TIC nos estabelecimentos de ensino. Manuel (2025) argumenta que a formação de professores, diante das demandas contemporâneas, requer não apenas equipamentos e conectividade, mas também condições estruturais e competências específicas entre gestores, docentes e demais agentes administrativos. Ao analisar esses desafios, o texto contribui para o debate sobre o futuro da educação e evidencia a necessidade de políticas que articulem infraestrutura, qualificação profissional e planejamento pedagógico consistente.

O décimo artigo, *Mike Davis e o cotidiano urbano. Uma metodologia de mapeamento social e territorial do Rio de Janeiro*, de Gustavo Macêdo Poeys, aproxima o leitor da obra do urbanista Mike Davis para construir uma forma própria de interpretar a cidade do Rio de Janeiro. O autor parte da premissa de que Davis, ao analisar Los Angeles, articulou dimensões sociais, culturais e ambientais para produzir leituras integradas do cotidiano urbano. Essa perspectiva inspira a elaboração de um “mapa extrapolado” do Rio, no qual métodos e conceitos mobilizados por Davis são aplicados como ferramentas para compreender a cidade em sua complexidade territorial. O estudo examina as formas espaciais do Rio de Janeiro e suas conexões com dinâmicas sociais, conflitos e desigualdades que atravessam a vida urbana. A partir dessa leitura, Poeys (2025) propõe hipóteses de futuro para a cidade que exploram simulacros, tensões e possibilidades de intervenção. Deste

modo, oferece uma contribuição metodológica importante ao sugerir que o mapeamento urbano, quando guiado por uma perspectiva crítica e atenta ao cotidiano, amplia o entendimento sobre o território e revela caminhos de ação frente aos desafios contemporâneos do espaço urbano carioca.

O debate sobre cidades resilientes adquire centralidade diante do avanço das mudanças climáticas e da intensificação de eventos extremos que afetam de forma desigual a população urbana. É nesse contexto que Ana Virgínia Rodrigues de Souza, Érika Campos Barreira e Zenilzo Teixeira Nogueira apresentam *Desafios para a construção de cidade resiliente: sustentabilidade e adaptação às mudanças climáticas*. O texto discute como a resiliência urbana requer infraestrutura adequada, planejamento consistente e atenção às desigualdades que definem quem enfrenta maiores riscos. Com base em revisão bibliográfica produzida entre 2017 e 2024, analisa vulnerabilidades presentes nas cidades brasileiras e identifica práticas que contribuem para fortalecer sua capacidade de resposta. Os autores destacam que a construção de cidades resilientes depende de processos de governança capazes de articular poder público, sociedade civil e planejamento de longo prazo. Argumentam que medidas de adaptação devem considerar de forma explícita os grupos expostos a maiores riscos, o que exige políticas integradas, infraestrutura adaptativa e participação comunitária efetiva. Por fim, demonstram que a construção de cidades resilientes depende da articulação entre poder público e sociedade civil, o que exige políticas integradas e participação comunitária que considerem as múltiplas dimensões socioambientais envolvidas.

Na sequência, são observadas as dinâmicas econômicas de regiões marcadas por antigas atividades vulcânicas e que costumam suscitar interesse pela combinação entre fertilidade natural e especialização produtiva. Em *Caracterização econômico-produtiva dos municípios da região vulcânica do Planalto de Poços de Caldas-MG*, Rafael Pastre e Bianca Muniz Corrêa retomam essa relação ao analisar como a história geológica do território influenciou a formação de atividades agropecuárias e da mineração,

bem como a busca recente pela Denominação de Origem “Vulcânica”. A partir de análise exploratória e estatística descritiva, o estudo examina se esse conjunto de municípios apresenta um arranjo produtivo capaz de impulsionar desenvolvimento econômico endógeno, com efeitos consistentes na geração de emprego e renda. Os autores identificam baixa diversificação e forte concentração espacial das atividades econômicas, inclusive na agroindústria, além de dependência de transferências públicas e níveis de renda inferiores às médias estaduais. O texto conclui que, embora a narrativa em torno da origem vulcânica crie oportunidades de valorização territorial, sua capacidade de produzir transformações econômicas amplas permanece limitada pelas assimetrias estruturais da região.

Se o estudo anterior evidencia como estruturas materiais moldam possibilidades de desenvolvimento regional, o artigo que se segue desloca o foco para regimes de territorialidade ancorados em ontologias indígenas, nos quais a ordem social se articula a forças cósmicas. *Tudo tem dono: ija kuery e os domínios terrenos na cosmopolítica Mbyá*, de Carlos Henrique Emiliano de Souza, discute a persistência da violência territorial na *Yvyrupa* desde a colonização, a partir da ira de divindades e entidades cósmicas. O autor parte da premissa de que Nhanderu Ete distribuiu os domínios do cosmos entre guardiões responsáveis por zelar pelos existentes, o que produz um regime de relações no qual violar territórios implica transgredir a ordem cosmológica. A análise centra-se nos *ija kuery*, espíritos-donos que regulam o uso da terra e respondem às perturbações provocadas pela ocupação não autorizada. Essas entidades intervêm nas interações cotidianas e estabelecem formas específicas de reciprocidade ou punição, conforme o respeito às regras que orientam a convivência no mundo Mbyá. Com base em etnografia realizada na Baía de Paranaguá, o texto evidencia que a presença dos *ija kuery* estrutura uma diplomacia cósmica que alterna dádiva e predação. Essa alternância resulta do modo como humanos e não humanos negociam limites e responsabilidades, sobretudo quando invasões externas rompem o equilíbrio esperado. A abordagem destaca que o conceito de espírito-dono revela uma

cosmopolítica que coloca humanos, divindades e seres do território em um mesmo campo de ação, no qual conflitos territoriais adquirem efeitos amplos sobre a vida coletiva e sobre a própria estabilidade do cosmos.

Saímos das relações entre humanos e entidades não humanas para outras formas de disputa, poder e transformação social, mostrando como diferentes tradições analíticas iluminam modos diversos de compreender conflitos e processos de mudança. O artigo *Relações de poder e mudança social. Uma análise comparativa das visões de Norbert Elias e Pierre Bourdieu*, de Luiza Costa Melo, propõe uma reflexão a partir das obras *Os estabelecidos e os outsiders*, de Norbert Elias e John Scotson, e *O desencantamento do mundo*, de Pierre Bourdieu, para examinar como cada autor formula categorias de poder, descreve dinâmicas de dominação e interpreta processos de mudança social. O texto organiza a comparação a partir de três perguntas orientadoras: quais noções estruturam a análise das relações de poder, de que forma essas relações são tratadas e como se configuram as transformações no tecido social. A discussão mostra que Elias e Scotson apresentam as relações de poder em chave relacional e processual, com atenção às interdependências que se formam entre grupos estabelecidos e outsiders. Já Bourdieu, ao analisar trabalhadores na Argélia, recorre ao conceito de *habitus* de classe com uma abordagem estruturalista. O artigo conclui com um diagrama que sintetiza os principais pontos de convergência e divergência entre os autores, organizado em quatro eixos: modelo de relação de poder, fator de diferenciação, mecanismo de manutenção e mudança social. Com isso, Melo (2025) oferece ao leitor uma comparação entre duas tradições teóricas que seguem decisivas para compreender disputas simbólicas e reconfigurações sociais.

O décimo quinto artigo desta edição, *Paz perpétua em Kant e paz positiva em Galtung: caminhos para a teorização da paz em perspectivas internacionais*, de André Luiz Valim Vieira, Leandra Sampaio Vilcapoma e Heloisa Barros de Azevedo Silva, revisita dois marcos conceituais essenciais para os estudos contemporâneos sobre a paz. A partir de pesquisa

bibliográfica com abordagem descritiva e analítica, examinam a proposta kantiana de “paz perpétua”, formulada no século XVIII, e a noção de “paz positiva” desenvolvida por Johan Galtung no século XX. Parte-se da constatação de que a persistência de guerras e violências no cenário internacional do século XXI exige retornar a esses fundamentos teóricos, tanto para compreender seus alcances quanto para avaliar sua capacidade de orientar políticas e instituições voltadas à contenção de conflitos. O texto busca responder se, diante da configuração geopolítica atual, esses caminhos teóricos representam apenas idealizações de difícil materialização ou se oferecem alternativas viáveis no plano político e jurídico. O estudo sustenta que, apesar das limitações impostas pela conjuntura internacional, as contribuições de Immanuel Kant e Galtung seguem fundamentais para superar concepções restritas de paz. Os autores demonstram que ambas as formulações propõem visões normativas capazes de projetar a paz como construção ativa e institucional, e não como mero intervalo entre confrontos. Com isso, os autores reafirmam a relevância desses modelos teóricos para ampliar o horizonte dos debates em Direito Internacional e Relações Internacionais, situando-os como instrumentos ainda indispensáveis para pensar a paz como projeto coletivo.

Partindo da ideia de que o sistema jurídico tem muito a ganhar com a perspectiva transdisciplinar proporcionada pelo diálogo entre o Direito e a Arte, Anderson Miller Silva Varelo apresenta *“Como o Grinch pode tentar roubar o sentimento constitucional nos tempos líquidos: um ensaio à transjuridicidade”*. O autor investiga o conceito de sentimento constitucional, elaborado por Pablo Verdú, e a noção de modernidade líquida formulada por Zygmunt Bauman, utilizando a transjuridicidade como lente analítica para explorar novas perspectivas sobre a relação sistêmica entre direito e sociedade em tempos líquidos. Para isso, recorre à história do Grinch, de Dr. Seuss, como recurso interpretativo para compreender como o sentimento constitucional pode ser tensionado em um contexto marcado pela fluidez das relações sociais, característica da modernidade líquida. A narrativa permite

refletir sobre a necessidade de aprofundar o ideal de pertencimento cívico-político e o sentimento constitucional na sociedade contemporânea, uma vez que apenas a densidade desses vínculos pode superar a fluidez que favorece a ascensão de “figuras Grinch”, capazes de corroer o pacto social. Varelo (2025) conclui que a estabilidade constitucional depende de um compromisso emocional e cultural, mas que vem sendo fragilizado pela incerteza e volatilidade típica dos tempos líquidos. Nesse cenário, a transjuridicidade surge como uma ferramenta fundamental para diagnosticar e problematizar esse dilema.

Esta edição também apresenta duas resenhas. Na primeira obra, *O perigo do educador popular*, de Yan Caramel Zehuri, que discute o livro *Inquérito Paulo Freire: a ditadura interroga o educador*, organizado por Joana Salém. O texto destaca como a obra ilumina disputas atuais em torno de Paulo Freire e da educação popular, aproximando passado e presente ao mostrar que os ataques recentes a práticas emancipadoras não constituem fenômeno isolado. A reatualização de suspeitas e antagonismos, mobilizada desde setores da direita brasileira e internacional, torna ainda mais urgente retomar a trajetória do educador e suas propostas de organização coletiva. Ao situar esses embates no campo da formação política de trabalhadores e movimentos sociais, o autor aponta a relevância do livro para compreender os sentidos contemporâneos dos “perigos” atribuídos à educação crítica e para reforçar sua importância nas lutas democráticas da América Latina.

A edição encerra com o texto *Metodologia e Ciências Sociais: Passo a passo de como fazer um projeto e uma pesquisa na área*, resenha elaborada por Luís Eduardo Trajano a partir da obra *Metodologia de Pesquisa em Sociologia: elaborando um projeto e realizando uma pesquisa*, de organização da Luana Motta e Breilla Zanon. O livro surge a partir dos cursos ministrados no período da pandemia da COVID-19, quando a Sociedade Brasileira de Sociologia promoveu aulas em formato digital sobre metodologias das ciências sociais, as “Aulas Abertas - metodológicas”. Tendo como objetivo nortear acadêmicos no processo de pesquisa em ciências sociais e áreas correlatas, a

obra detalha os seis passos cíclicos presentes na investigação científica, da formulação de um problema até a comunicação dos seus resultados. Destaca a importância de fazer uma revisão bibliográfica sistemática ao mesmo tempo em que se define o problema, possibilitando elaborar um projeto original e capaz de preencher alguma lacuna no conhecimento já existente. Além disso, explica a diferença entre os métodos quantitativos, mais estruturados e focados em identificar padrões e generalizar resultados, e os qualitativos, mais descritivos e voltados a entender os significados sociais, destacando que a escolha da metodologia deve estar de acordo com o tipo de pergunta que a pesquisa busca responder. Trajano (2025) destaca que a obra é uma excelente introdução à literatura metodológica e um material pedagógico eficaz.

Com dezesseis artigos e duas resenhas, a *Perspectivas Sociais* consolida o êxito do modelo de fluxo contínuo adotado no ano e mantém seu compromisso com a difusão de pesquisas e reflexões voltadas à compreensão crítica da sociedade contemporânea. Vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas, a revista consolida-se como espaço de diálogo entre diferentes tradições teóricas e metodológicas, valorizando a produção científica que contribui para a análise das desigualdades, dos processos de mudança social e das múltiplas formas de resistência. Ao reunir trabalhos de pesquisadores e pesquisadoras de distintas áreas e contextos, reafirma-se aqui o propósito editorial de promover o pensamento sociológico como instrumento de leitura, diagnóstico e crítica do presente.

Esta edição marca um ano significativo para *Perspectivas Sociais*. Em 2025, a revista conquistou o Selo Revista Diamante no Diretório das Revistas Científicas Brasileiras (Miguilim), gerenciado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), órgão do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). A certificação reconhece periódicos que adotam políticas alinhadas aos padrões internacionais, promovam a ciência aberta e

garantem o acesso irrestrito à produção científica. Agradecemos às autoras e aos autores que confiaram seus trabalhos à *Perspectivas Sociais* e desejamos a todas e todos uma excelente leitura.

\* **Sandro Adams** é doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGS/UFPel). Graduado em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE).

**Contato:** [sandroadams@gmail.com](mailto:sandroadams@gmail.com)

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/4663997050702569>

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-2045-1648>

\*\* **Roberta do Prá Alano** é mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bacharela em Ciências Sociais pela UFPel com mobilidade acadêmica para o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

**Contato:** [roberta.alano@ufpel.edu.br](mailto:roberta.alano@ufpel.edu.br)

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/3873383247910370>

**Orcid:** <https://orcid.org/0009-0009-7855-4277>

\*\*\* **Newton Soares Mota** é mestrando do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Licenciado em Ciências Sociais pela mesma instituição e especialista em Educação pela UFPel.

**Contato:** [newtonsoares77@gmail.com](mailto:newtonsoares77@gmail.com)

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/6349194810468636>

**Orcid:** <https://orcid.org/0009-0006-1032-2144>

Como citar este texto: ADAMS, Sandro; ALANO, *Roberta do Prá.*; MOTA, Newton Soares, Saberes e identidades nos desafios educacionais. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 11, nº 02, e1130731, 2025.



## Referências

ALBACH, Camila Aparecida da Silva; CORDEIRO, Evelin Emanuele; SANTOS, Gabrielle Rocha dos. A saúde mental de mulheres durante a pandemia da covid-19. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1127664, 2025.

BORTONE, Douglas Franco; IENNACO, Juliana de Paula; LORETO, Maria das Dores Saraiva de. Repercussões do fenômeno religioso nas políticas educacionais: diálogos iniciais. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1127648, 2025.

LIMA, David dos Santos; ARAUJO, Isadora Maria Carvalho de. Distopia do trabalho: “ruptura” (severance) como representação da alienação e da flexibilização no capitalismo neoliberal. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1129394, 2025.

MANUEL, Egídio Martina. Incorporação das tecnologias de informação e comunicação como recursos didáticos durante a formação de professores em angola. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1127617, 2025.

MELO, Luiza Costa. Relações de poder e mudança social: uma análise comparativa das visões de Norbert Elias e Pierre Bourdieu. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1127661, 2025.

MUNIZ, Maria Elisa Gonçalves. Trabalho extenuante: a prática do atendimento remoto por psicólogas e as implicações nas relações de gênero e tempo. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1129285, 2025.

OLIVEIRA, Gabriela de Abreu. As políticas neoliberais brasileiras na condução da pandemia: uma necropedagogia. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1127647, 2025.

PASTRE, Rafael.; CORRÊA, Bianca Muniz. Caracterização econômico-produtiva dos municípios da região vulcânica do planalto dos Poços de Caldas-MG. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1129363, 2025.

POEYS, Gustavo Macêdo. Mike Davis e o cotidiano urbano: uma metodologia de mapeamento social e territorial do Rio de Janeiro. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1127660, 2025.

ROCHA, Camila da Silva. O ensino superior na mira do mercado: notas sobre os novos (velhos) desafios da educação pública brasileira. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1129396, 2025.

ROCHA, José Manuel de Sacadura. A produção social do ócio disruptivo/criativo: uma introdução marxista às teses de John Hollow. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1127615, 2025.

Silva varelo, Anderson Miller. Como o Grinch pode tentar roubar o sentimento constitucional nos tempos líquidos: um ensaio à transjuridicidade. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, e1127663, 2025.

SOUZA, Ana Virgínia Rodrigues de; BARREIRA, Érika Campos; NOGUEIRA, Zenilzo Teixeira. Desafios para a construção de cidade resiliente: sustentabilidade e adaptação às mudanças climáticas. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1129620, 2025.

SOUZA, Carlos Henrique Emiliano de. Tudo tem dono: ija kuery e os domínios terrenos na cosmopolítica mbyá. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1127659, 2025.

TOMÁS, Maria Carolina; SILVEIRA, Leonardo Souza. Troca de trabalho doméstico não remunerado? Uma análise de uniões inter-raciais no Brasil. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1127657, 2025.

TRAJANO. Luís Eduardo. Metodologia e ciências sociais: passo a passo de como fazer um projeto e uma pesquisa na área. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1129819, 2025

VIEIRA, André Luiz Valim; VILCAPOMA, Leandra Sampaio; SILVA, Heloisa Barros de Azevedo. Paz perpétua em Kant e paz positiva em Galtung: caminhos para a teorização da paz em perspectivas internacionais. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1127604, 2025.

ZEHURI, Yan Caramel. O perigo do educador popular. **Perspectivas Sociais**, v. 11, n. 02, p. e1129282, 2025.